

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando



Balsas de extração no Rio Urariquera, em Roraima: 3 toneladas de ouro por mês e um faroeste na fronteira norte

**Especial**

**A nova febre dourada**

*Garimpeiros extraem toneladas de ouro da terra dos yanomamis e transformam Roraima num caldeirão de conflitos*

Existe um território incrustado no extremo norte da Amazônia onde se assiste à conquista de um dos últimos pedaços inteiramente selvagens do país. É uma faixa de terra imensa, duas vezes maior que o Estado do Rio de Janeiro, que se localiza entre as florestas de Roraima e do Amazonas. Ali vive uma das últimas grandes comunidades indígenas do mundo que ainda mantém sua cultura primitiva praticamente intacta — os índios yanomamis. Ali também existe ouro, muito ouro, e uma invasão de garimpeiros que trocam o conforto das cidades pelo sonho do enriquecimento rápido. Sempre que terras indígenas são disputadas com mais empenho do que o habitual, assiste-se ao velho faroeste, com a coação das tribos, mortes, cegueira de autoridades, mais ou menos como ocorria nos tempos da colonização do Brasil. É uma nova e febril corrida do ouro.

Ao longo do ano passado, quase 30 000 garimpeiros invadiram a região e extraíram 13 toneladas de ouro — uma montanha avaliada em 250

bilhões de cruzados e que representa 10% da produção brasileira do metal. Todo esse ouro provocou um surto espantoso de desenvolvimento no território de Roraima. A cada dia, cinco novas balsas com equipamentos de extração são instaladas nos rios da região. Em Boa Vista, a capital, trinta novas empresas são abertas diariamente. Há outros números animadores. Só nos últimos

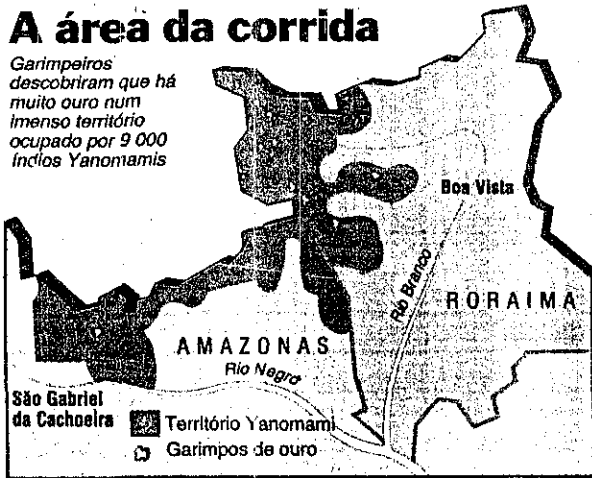
dois meses, foram abertas 32 pistas de pouso clandestinas para abastecer os garimpos. A polícia recebeu a missão de impedir o desembarque de equipamentos de mineração nos territórios indígenas, já que o garimpo ali é ilegal, mas tudo chega normalmente. “A força da necessidade é sempre maior que a força da lei”, justifica Romero Jucá, governador nomeado de Roraima, que até setembro último exercia em Brasília a função de presidente da Fundação Nacional do Índio, Funai.

Nas selvas de Roraima, de onde se tira o ouro, fortunas formam-se da noite para o dia, há muita corrupção e muita miséria e os conflitos às vezes são resolvidos a tiros sem que os envolvidos expliquem-se na polícia. Desde agosto de 1987, quando foi descoberto ouro em quantidade, treze índios yanomamis foram assassinados por garimpeiros interessados em mineração suas terras. Em contrapartida, oito garimpeiros foram mortos pelos índios — na maior parte dos casos, a porretadas. Nesse cenário se desenvolve ainda uma das atuais tragédias dos rios brasileiros em regiões ricas em minério de ouro — o uso de uma solução de mercúrio para se extrair do cascalho o metal amarelo.

**FORTUNAS REPENTINAS** — Não é a primeira vez que se vê uma corrida do ouro no país. Há dez anos, era o garimpo de Serra Pelada, no sul do Pará, que provocava admiração e espanto. Em seu apogeu, Serra Pelada

**A área da corrida**

Garimpeiros descobriram que há muito ouro num imenso território ocupado por 9 000 índios Yanomamis



VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

chegou a abrigar 80 000 garimpeiros e a produzir 40 quilos de ouro por dia, seis vezes menos que hoje. O veio encontrado em Roraima é rico — somente em janeiro, espera-se que sejam extraídas mais de 3 toneladas da região. Nesse ritmo, a produção nos garimpos de Roraima poderá já este ano ser maior que a de Serra Pelada em seus melhores tempos.

Esse ouro está sacudindo o território. É comum o pagamento de mercadorias diretamente em ouro ou a assinatura de notas promissórias nas quais o valor da dívida é quantificado em gramas do metal. "Eu nunca vi nada parecido", admira-se Aracy Costa Matós, gerente do Bradesco na capital, que em dezembro último abriu uma nova agência na cidade, com o dobro da capacidade da anterior — e de nada adiantou: as filas no banco continuam imensas. Em meio a essa movimentação, aparecem em Roraima algumas fortunas repentinas. Francisco Olímpio de Oliveira, por exemplo, construiu dez balsas em um trecho do Rio Urariquera, no oeste do território, e consegue extrair do cascalho do leito do rio 15 quilos de ouro a cada mês, que valem 280 milhões de cruzados. Metade desse dinheiro vai para o bolso dos 120 garimpeiros que estão a seu serviço. Olímpio também é dono de um avião, de um helicóptero e, no trecho do rio onde se instalou, assumiu as funções de um governador informal. Como construiu a pista de pouso, é ele quem decide quem pode aterrissar. Como é o mais poderoso, também resolve quem pode instalar balsas na região. "Fui o primeiro a chegar", explica.

**DISCRIMINAÇÃO** — Na pressa de transportar alimentos para os garimpeiros e equipamentos para a montagem de novas balsas, os pilotos cobram alto, em ouro, e chegam a faturar em alguns dias uma bolada de 500 000 cruzados. Submetem-se porém às condições mais precárias de trabalho. Somente em novembro e dezembro últimos, nada menos que cinco helicópteros e 48 aviões arrebentaram-se nas pistas improvisadas ou caíram na floresta. "O risco de vida é muito grande, mas vale a pena", afirma o piloto Marinaldo Diogo de Faria. No meio da mata, os garimpeiros também enfrentam condições duras. Passam o dia removendo cascalho, dormem em redes e colecionam malárias. Mesmo assim, até pacatos funcionários públicos, como Gilvan Nunes Pereira, por exemplo, inspetor em Boa Vista da Superintendência de Controle de Endemias, Sucen, são atraídos para essa aventura. Pereira aproveitou suas últimas férias para tentar a sorte num garimpo. "Caf

**O garimpeiro Olímpio (acima), um aviso significativo e yanomamis de um posto: 21 mortos nos embates**



FOTOS ARI LAGO



VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando



FOTOS APILAGO

**Pista clandestina em Roraima: condições precárias nos garimpos**

no conto-do-vigário”, reclama Pereira, que se deslocou com um grupo de 100 novos aventureiros para um garimpo e acabou abandonado no mata pelos organizadores da empreitada. O grupo passou quarenta dias perdido na floresta antes de chegar a um vilarejo. “Quando se fala em garimpo, só se lembra da riqueza fácil”, comenta Pedro Júlio de Souza, um engenheiro agrônomo que há oito anos resolveu tentar a sorte como garimpeiro na Amazônia e ainda não enriqueceu.

Em Roraima, o ouro está ofuscando a visão de muitas autoridades do território. Na Polícia Militar, são conhecidos os nomes de pelo menos dez oficiais e vinte praças que só comparecem ao quartel para receber seus vencimentos — nos outros dias eles garimpam. No Corpo de Bombeiros, o comandante, tenente Arnóbio Vinicius, enviou roupas de mergulho e o único motor de barco da corporação para serem utilizados numa balsa de mineração no Rio Urariquera.

Em Boa Vista, suspeita-se de que o negócio do ouro esteja enriquecendo também o comandante da Polícia Militar de Roraima, tenente-coronel César Augusto dos Santos Rosa. Em dois diferentes relatórios oficiais, um da agência local do Serviço Nacional de Informações, o SNI, e o outro da Polícia Federal, o coronel Santos Rosa é acusado de cobrar taxas em ouro para liberar a entrada de equipamentos de mineração nas terras indígenas. Segundo os relatórios, ele teria arrecadado somente em setembro 11,5 quilos de ouro. Proprietário de uma casa de cerca de 500 metros quadrados e de um automóvel importado, o coronel nega as acusações e defende os subordinados metidos no garimpo. “É uma discriminação achar que o militar tem menos direitos do que o civil”, protesta. “Por usar uniforme, o militar não perde o direito de procurar ouro.”

Na maior parte dos garimpos da Amazônia, as terras exploradas são públicas. Em Roraima, há uma diferença fundamental:

elas têm donos legais, os índios yanomamis, e estão desde 1984 interditadas aos homens brancos por decisão do governo. Calcula-se que os yanomamis, considerados pelos antropólogos um povo violentíssimo, estejam dispersos nessa região há milhares de anos. Eles não têm inflação, não têm desemprego, precisam de um grande território para caçar e não sabem viver de outra maneira. Os 30 000 garimpeiros e seus defensores reclamam de que as leis de proteção aos índios lhes reservam uma área quase do tamanho de países como Portugal, para apenas 9 000 indígenas. Na visão dos garimpeiros, é um contra-senso. “Num país como o nosso, não se pode ignorar a existência de ouro só porque alguns índios passeiam sobre ele”, afirma Raimundo Nonato da Silva, delegado da Funai em Roraima.

**BARBÁRIE** — No Alasca, onde há um século americanos e esquimós enfrentaram um conflito semelhante, a questão foi resolvida com inteligência — os esquimós até hoje arrendam suas reservas para a instalação de poços de petróleo. Mesmo no Brasil, uma solução civilizada foi inaugurada no sul do Pará, onde os índios caiapós desfrutaram avião, caminhões e aparelhos de videocassete em sua aldeia — eles conseguiram que o governo os indenizasse pela desapropriação de parte de suas terras para a construção da ferrovia que liga São Luís, no Maranhão, à Serra dos Carajás. Em Roraima, os yanomamis não têm essa compensação e ainda enfrentam a invasão dos garimpeiros e as novas doenças levadas pelos visitantes. Sem os anticorpos

normais nos brancos, é comum vê-los morrer de uma simples gripe. A aldeia Buutateri, que tinha duzentas pessoas, por exemplo, desapareceu após um surto de sarampo, no ano passado.

Desde que começaram as invasões de terras dos yanomamis, já se contabilizaram pelo menos cinco grandes choques armados e 21 cadáveres dos dois lados — inclusive uma criança índia de 2 anos. Um deles foi um massacre. Em abril do ano passado, um grupo de yanomamis roubou armas e ouro de um acampamento e matou dois garimpeiros a golpes de porrete. Como vingança, logo depois alguns garimpeiros entraram atirando a esmo na aldeia de Paapiu. Oito índios tomaram a tiros e também a porretadas. O último incidente, quase inacreditável pela barbárie de que se revestiu, ocorreu em novembro passado no garimpo de Surucucu. Avistado por um grupo de garimpeiros em cima de uma árvore, um índio de 13 anos foi baleado a sangue frio por um dos brancos. “Um macaco, um macaco”, teria gritado o garimpeiro, antes de abater o índio com um tiro na barriga. Ele sobreviveu. “Isso já é barbarismo”, indigna-se o bispo de Boa Vista, dom Aldo Mongiano, que soube do incidente através do relato de um padre.

“Em todo o lugar onde o índio tentou barrar a locomotiva do progresso, ele foi atropelado, massacrado e dizimado”, afirma o governador Romero Jucá, utilizando-se de um argumento duvidoso, segundo o qual questões relativas à sobrevivência de povos primitivos seriam resolvidas apenas em função de dados econômicos e através da violência. Em países civilizados, não é mais assim. A verdade é que o governo não sabe o que fazer para proteger os yanomamis e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvi-



No banco, sacos de dinheiro

mento ordeiro do extremo norte do país. No Palácio do Planalto, o general Bayma Denis, chefe do Gabinete Militar, acalenta um plano de resolver os problemas da região através de sua militarização — o Projeto Calha Norte. Até o momento, o projeto não saiu do papel. Em toda a região, o governo sustenta setenta funcionários só para cuidar dos yanomamis, mas só há um único capaz de falar a língua dos indígenas — o chefe do posto da Funai na aldeia Demini. Ele chama-se Davi Kopenawa, e é um yanomami.

**MARCIO CHAER**, de Boa Vista